

— Coordenação —

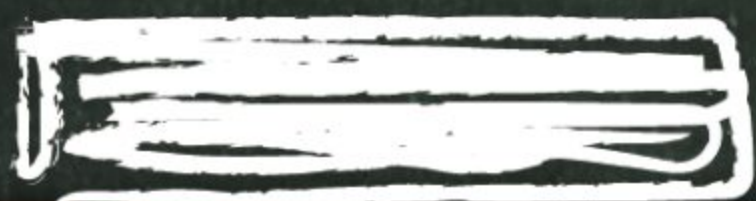
Luísa Antunes Paolinelli e Mário Fortes Santos

Diálogos

Cruzados

Que educação para o século XXI?

 EDIÇÕES ESGOTADAS



Intervenientes

Adelino Calado

Annabela Rita

Ariana Cosme

Carlos Fiolhais

Carlos Neto

Celso Ameixa

Dionísio Vila Maior

José Eduardo Franco

José Pacheco

José Pedro Trindade

Luísa Antunes Paolinelli

Mário Fortes

Raquel Varela

Roberto della Santa

Rui Mendes

Santana Castilho

Sara Bahia

Teresa Adão

1.ª edição | outubro, 2024

 EDIÇÕES ESGOTADAS

Porto | Lisboa | Viseu | Aveiro

www.edicoesesgotadas.com
geral@edicoesesgotadas.com

© 2024

Direitos reservados para Edições Esgotadas, Lda.

Título Diálogos Cruzados - Que educação para o século XXI?

Coordenação © Luísa Antunes Paolinelli e Mário Fortes Santos

Organização e revisão Cátia Vieira Pestana

Fixação de texto Sandra Correia, José Júlio Curado, Luísa Antunes
Paolinelli, Mário Fortes Santos, Cátia Vieira Pestana,
Pedro Panhoca da Silva

Coleção Saber | n.º 48

Revisão de Texto Ana Maria Oliveira | Edições Esgotadas, Lda.

ISBN 978-989-9155-81-7

Depósito Legal 538339/24

Impressão e Acabamento Tipografia Beira Alta, Lda.

Execução Gráfica Edições Esgotadas, Lda.

A edição dos textos obedece ao Novo Acordo Ortográfico por decisão dos coordenadores e não dos autores.

Coordenação

**Luísa Antunes Paolinelli e
Mário Fortes Santos**

Diálogos Cruzados

Que educação para o século XXI?

NOTA DOS COORDENADORES	9
À guisa de Apresentação, peço licença para participar desse diálogo - Maria Lucia M. Carvalho Vasconcelos	11
Referências.....	23
PAINEL 1 - “A NATUREZA DO BRINCAR, EMOÇÕES À SOLTA”	25
A importância do brincar - Carlos Neto.....	27
O sistema de ensino vigente.....	31
O Brincar como ferramenta de construção da personalidade - Mário Fortes Santos.....	32
Mudar o paradigma - Rui Mendes.....	34
Formar para o Brincar - Carlos Neto.....	37
Carlos Neto.....	43
A importância do brincar na aquisição de conhecimentos - Rui Mendes.....	44
A concepção do espaço no ensino pré-escolar - Mário Fortes.....	45
Uma mensagem final - Carlos Neto.....	47
Mário Fortes Santos.....	49
Rui Mendes.....	50
Carlos Neto.....	50
PAINEL 2 - SONHAR ACORDADO: CRIATIVIDADE NA ESCOLA	51
Sonhar e criar - Sara Bahia.....	53
Flexibilidade Curricular - Ariana Cosme.....	55
A educação visual na promoção da flexibilidade, da autonomia e do trabalho criativo - José Pedro Trindade	59
A criatividade na promoção da confiança e da eficiência - Celso Ameixa.....	62
A avaliação enquanto promoção do conhecimento - Sara Bahia.....	64
O processo de criatividade - Ariana Cosme.....	65
A instrumentalização das artes - José Pedro Trindade.....	69
A avaliação na disciplina artística - Celso Ameixa.....	70
José Pedro Trindade.....	71
A importância do professor na construção do conhecimento - Ariana Cosme.....	72

A escola enquanto elevador social e o impacto da Pandemia - Ariana Cosme.....	74
Sara Bahia.....	76
A expressão plástica à distância - José Pedro Trindade.....	77
Sonhar com os pés assentes na Terra - Celso Ameixa.....	78
PAINEL 3 - “O ENSINO À DISTÂNCIA”	79
A saúde mental dos professores durante a Pandemia e o designio da Educação - Raquel Varela.....	81
O ensino à distância - Roberto della Santa.....	87
Porque é que as crianças não gostam da escola? - Raquel Varela.....	93
O impacto da Pandemia: a que sociedade serve esta escola? - Roberto della Santa.....	96
PAINEL 4 - “CONTRA A INDIFERENÇA”	101
A Educação Global de rosto Humano - José Eduardo Franco.....	103
O que é que a educação permite – ou pode permitir – hoje? - Carlos Fiolhais.....	107
A educação como instrumento contra a indiferença - Luísa Paolinelli.....	112
O “homem novo”, o homo fraternus - José Eduardo Franco.....	117
O futuro das sociedades modernas - Carlos Fiolhais.....	119
A escola ideal - Carlos Fiolhais.....	122
A escola contra a indiferença - Luísa Paolinelli.....	123
José Eduardo Franco.....	126
Que futuro? - Carlos Fiolhais.....	127
José Eduardo Franco.....	127
Luísa Paolinelli.....	128
PAINEL 5 - “A CIÊNCIA NA ESCOLA”	131
A Ciência em Portugal - Professora Annabela Rita.....	133
Do saber à ciência - Dionísio Vila Maior.....	137
A essência Humanista do ensino - Dionísio Vila Maior.....	140
A importância das artes na escola - Teresa Adão.....	143

O processamento da informação e a representação do conhecimento - Teresa Adão.....	146
Annabela Rita	147
Dionísio Vila Maior.....	149
Uma mensagem para a escola neste Horizonte XXI - Annabela Rita.....	150
Dionísio Vila Maior.....	150
Teresa Adão.....	151
PAINEL 6 - “EMERGÊNCIA NA EDUCAÇÃO”.....	153
A linhas orientadoras para o próximo ano letivo - Adelino Calado.....	155
O ensino em Portugal à luz do nosso século - José Pacheco.....	156
O papel do Professor - Adelino Calado.....	158
Pandemia: uma conjuntura para mudar a escola - Adelino Calado.....	159
José Pacheco.....	161
Adelino Calado.....	163
José Pacheco.....	164
Adelino Calado.....	164
AUTORES.....	165

Em suma: a ciência em Portugal teve um boom brutal. Criou instituições, criou uma realidade nova e tornou Portugal visível no mundo da ciência e isso é um mérito fantástico. Neste momento, estamos a viver ainda as consequências disso, mas já há sinais preocupantes como alguns diretores de centros que estão a implementar medidas no sentido de evitar a publicação em papel e de potenciar a burocratização nos seus Centros. Esses são sinais preocupantes, para além de outros. E isso vem somar-se a outros problemas, como ao da distribuição dos financiamentos, crónico e cada vez cada vez mais dramático.

Estamos, pois, perante uma realidade que ainda é saudável, mas que tem já sinais preocupantes. As Faculdades são preciosas, mas têm um objetivo, uma estratégia e uma preocupação diferentes no seu quotidiano: a formação, o ensino. Ensino e investigação têm de manter uma estreita relação, mas com respeito pela diferença dos seus processos, ritmos e necessidades. O mesmo ator (docente-investigador) articula-os, mas reconhece-lhes as diferenças, enquanto os processos administrativos e burocráticos lhes impõem a uniformização, a mesma dinâmica, a mesma lógica, o mesmo ritmo. Há que permitir a diferença estratégica para bem de ambos.

Do saber à ciência

Dionísio Vila Maior

Quando se fala em ciência, não nos podemos esquecer de uma outra palavra que está muito próxima desta palavra, a palavra “saborear” (“sapere” significa “ter o sabor de”). Sabemos que a ciência nasceu quando o Homem sentiu a necessidade de saber o porquê, embora, naturalmente, o carácter científico tenha aparecido mais tarde, com Copérnico, Galileu. De qualquer forma, é bom lembrar: a palavra “ciência” vem de “scientia”, do latim, que significa saber, conhecer, compreender; e aquele que “sabia” era o *sophoi*, o sábio, que tinha um saber enciclopédico, que “sabia” o que era o bom, o justo, o verdadeiro, tendo, entretanto, ainda a capacidade para “saborear” o que ia conhecendo.

Ora, a ciência na escola tem de ser aqui encarada essencialmente de acordo com dois enfoques: num sentido mais restrito e num sentido mais amplo. No sentido restrito, nós aplicamos o termo “ciência” a ciências exatas, as naturais, a um saber sujeito a mudanças que acompanha a mudança dos paradigmas. Karl Popper dizia que “todos os cisnes são brancos até se encontrar um cisne negro”. No sentido mais amplo, e é isto que me interessa, e é sobretudo este sentido que eu considero, a ciência como conhecimento racional, como conjunto de conhecimentos precisos, ordenados de forma metódica em relação a um determinado domínio do saber e do conhecimento. E não posso deixar de recordar duas ou três coisas: há um conhecimento intelectual e há um conhecimento sensorial; há um conhecimento analítico, sintético, e há um conhecimento intuitivo, sensível, o conhecimento no sentido da interrogação do real, da representação sistemática de alguma coisa. Recordo ainda: o termo e conceito “saber” reenvia para uma necessidade do Homem; para além disso, não esqueçamos que o “saber” emergiu quando o Homem se admirou com as ruturas do real, quando o Homem começou a perguntar e a tentar explicar o porquê dessa rutura, quando começou a pensar, a pensar-se, quando começou a agir sobre o mundo; este Homem é alguém que utiliza a linguagem verbal; é um ser social (não era Ortega y Gasset quem dizia: “Eu sou eu e as minhas circunstâncias”?).

Para além disso, esse Homem é um *homo faber*: constrói, fabrica, cria, faz; e se deteta alguma falta da natureza, desenvolve a técnica, desenvolve a ciência, recorrendo à sua capacidade alteronímica, ou seja, desdobrando-se, projetando-se para o passado, para o futuro, sendo um sujeito ativo, produzindo sentidos, mostrando liberdade na seleção de alternativas e na forma como questiona.

O sentido mais comum da ciência na escola, e é disto que estamos sobretudo a falar, reenvia naturalmente para a aproximação do estudante com a atividade, a discursividade, a metodologia científica, percebendo-se nessa ideia a necessidade de investir na educação, na pesquisa, e de incentivar a investigação e a abordagem científica, estimulando as carreiras científicas, aproveitando as mais-valias de diversas atividades

(conferências, festivais, clubes, concursos, visitas de estudo, “circuitos ciência viva”, encontros com investigadores, “olimpíadas” educativas, etc.) e projetos (em Ciências exatas, em ciências tecnológicas, em Ecologia, em sustentabilidade – o exemplo do agrupamento de escolas de Alcanena é, a este nível, muito esclarecedor; recordo também, por exemplo, Clubes Ciência Viva na Escola, o SISCODE - Science through CODEsign (2018-2021), o spaceEU (2018-2020), o Eu4Ocean (2020-2021), o Open Schools for Open Societies (2017-2020), o Conhecer o Oceano (em curso desde 2010), a Aliança para a Investigação do Atlântico CSA (2015-2020).

Esta presença da ciência na escola tem, quanto a mim, que privilegiar sobretudo dois pontos vertebrais: por um lado, incidir na responsabilidade social, no exercício da cidadania e na formação dos alunos, com vista à formação ética de essência humanista; por outro lado, insistir na formação (e projeto geral) interdisciplinar, sabendo-se que o exercício interdisciplinar, quando bem aplicado e bem desenvolvido, promove sempre o pensamento crítico, a cooperação, a inclusão e (acima de tudo talvez) a criatividade — essa categoria essencial do pensamento divergente, essa habilidade para romper com o pensamento linear, essa habilidade para atingir um objetivo de múltiplas maneiras, usando recursos finitos, essa habilidade que permite o desenvolvimento profundo dos diversos tipos de inteligência (Renata Di Nizo, “Escrita criativa: o prazer da linguagem”, G. Cruz, G. e C. Dominguez, “Engaging students, teachers, and professionals with 21st century skills”, bem como R. Harris, “Introduction to creative thinking”, K. Liu, S. D. Tai, C. Liu, “Enhancing language learning through creation”, R. M. Ryan, E. L. Deci “Intrinsic and extrinsic motivations”, X. Zhang e K. M. Bartol, “Linking empowering leadership and employee creativity” já sobre essa questão se pronunciaram). E a questão assim considerada reenvia-nos mediatamente para a essência Humanista do ensino e para os valores promovidos pela “discursividade científica” das Humanidades – sabendo-se, note-se, que fiz previamente questão de esclarecer aquilo que entendo por “ciência” no seu sentido geral – e para dois pensamentos de Fernando Pessoa.